

**MOCOCA (1)**

Dando continuidade ao nosso programa de turismo regional “Sexta Bate e Volta”, resolvemos visitar Mococa, cidade situada a 160 km de Franca na divisa com as Gerais, palco de violentos combates que tiveram a participação dos voluntários do 2º Batalhão de Caçadores de Franca durante as batalhas da guerra de 1932. Fizemos o caminho por Batatais e Altinópolis, entrando pela SP-338 até Mococa numa manhã azul e ensolarada, embora fria.

Com quase 70 mil habitantes, Mococa tem crescido por conta do comércio, metalurgia, serviços e do café que aparece em grande quantidade na paisagem durante a viagem, mesclada a trechos com a onipresente cana de açúcar. No entanto, o que nos atraiu à cidade foi a arquitetura eclética do auge do período cafeeiro ocorrido antes do crack da bolsa de 1929. A região central de Mococa é uma aula ao vivo dessa arquitetura requintada dos “barões do café”, são dezenas e dezenas de grandes casarões, na maioria bem conservados ou restaurados. Na chegada, uma má notícia: o velho estádio do Radium que presenciou tantos jogos memoráveis contra a Francana está em completo abandono, suas ruínas breve farão com que o time da cidade desapareça para sempre da paisagem, restando apenas fotografias.

No centro, o entorno da Praça da Matriz de São Sebastião reúne alguns dos principais exemplares da arquitetura eclética, que recebeu forte impacto da imigração italiana à cidade a partir do final do século XIX até os anos 1920, com a forte presença do arquiteto italiano Gherardo Bozzani. A igreja construída em 1896 tem concepção neogótica com a planta em cruz, tem obras do pintor Elia Napoli que fez em têmpera a óleo os painéis artísticos do teto. Mas a atração mesmo são os casarões projetados por Bozzani voltados à bela Praça da Matriz e suas ruas tranquilas pavimentadas com paralelepípedos. Aliás, a praça tem uma grande escultura de Bruno Giorgi dedicada à Mulher Mocoquense. O monumento foi uma doação do escultor à cidade onde nasceu. Os pais dele, como tantos outros italianos, foram atraídos à região pela riqueza do café. A família retornou à Europa quando Giorgi ainda era criança, onde viveu bom tempo e acabou envolvido na luta contra o fascismo que o fez penar 4 anos na prisão. De volta ao Brasil, tornou-se um dos principais escultores do país com obras primas realizadas a pedido de Niemeyer em Brasília, como o “Meteoro”.

Além das dezenas de casarões, resiste ainda (mesmo que adulterado) o prédio onde foi a sede do Banco Muniz Barretto, criação do magnata do café que vivia na cidade, similar ao Banco Higinio Caleiro que tinha sede em Franca. Noutra praça, onde está a bonita e bem conservada igreja do Rosário, outra escultura de Giorgi e uma cena engraçada. Atalie pergunta ao avô que leva o neto ao lado onde poderia encontrar doces locais, o menino responde no ato – “não vai comer doce, faz mal, tem que comer fruta como maçã, laranja”. O avô ficou mais desconcertado que ela, só demos risada e seguimos em frente. Indicada por amigos comuns, fomos ainda conhecer o ateliê da pintora Matiza Rigobello, arquiteta paisagista que pinta aquarelas da paisagem urbana local, onde fomos muito bem recebidos, recomendamos uma visita e conhecer seu trabalho, estampado na série de xícaras Arquitetura do Café em Mococa (continua semana que vem).

Mauro Ferreira é arquiteto